

# Notas sobre o abolicionismo racista de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo

AMARA MOIRA\*

**RESUMO:** O objetivo deste escrito é apresentar e discutir uma estratégia de leitura sobre o romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. O ensaio debruça-se em passagens do romance para estabelecer uma crítica sobre o narrador e as contradições em torno da “denúncia do regime escravocrata” supostamente enunciado pela obra, a partir do que se poderia chamar de “abolicionismo racista”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abolicionismo racista; Aluísio Azevedo; *O cortiço*; Racismo; Supremacismo.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to present and discuss a reading strategy on the novel *O Cortiço* (1890), by Aluísio Azevedo. The essay focuses on passages in the novel to establish a critique of the narrator and the contradictions surrounding the “denunciation of the slave regime” supposedly enunciated by the book, based on what could be called “racist abolitionism”.

**KEYWORDS:** Aluísio Azevedo; *O cortiço*; Racism; Racist abolitionism; Supremacism.

---

\* Travesti, escritora e doutora em Teoria e Crítica Literária – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – SP – Brasil. E-mail: amoiramara@gmail.com

Dois momentos marcantes na minha trajetória como leitora: o primeiro quando, numa mesa redonda que dividi com Conceição Evaristo, a escritora afirmou que a morte de Bertoleza em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, era uma das passagens mais abjetas da literatura brasileira<sup>1</sup> e o outro foi quando, numa conversa sobre “Negrinha” (1920), de Monteiro Lobato, com o estudioso do racismo brasileiro Ale Santos, o pesquisador defendeu que “as pessoas que enxergam [no conto] crítica à escravidão estão projetando suas próprias visões”<sup>2</sup>. A partir desses posicionamentos, a minha maneira de encarar não apenas essas duas obras, como quaisquer outras de autoria branca em que despontem personagens negros foi transformada. A ideia do presente ensaio é pensar estratégias de leitura a partir dessas provocações.

Não é difícil identificar passagens racistas no narrador de *O Cortiço*, sobretudo desse racismo que buscava “apoio numa pseudo-ciência antropológica que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam a mestiçagem local” (CANDIDO, 1993, p. 143). Irrupções desse racismo em que se amalgamam “o *instinto* racial, a raça *inferior*, o desejo de *melhorá-la*, o contacto redentor com a raça *superior*” (CANDIDO, 1993, p. 144 – itálicos do autor) poderiam ser flagradas, por exemplo, no momento em que o narrador “explica” a disposição de Bertoleza para ir morar com João Romão (“porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua” (AZEVEDO, 2012, p. 66), ou, então, na passagem em que nos é apresentado o “motivo” de Rita Baiana trocar Firmo, o capoeirista negro, pelo português cavouqueiro: “desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior” (AZEVEDO, 2012, p. 272). Observe-se, aí, a pretensa objetividade e distanciamento do narrador a serviço da veiculação de ideais racistas, bem ao gosto do nosso naturalismo.

Antes de avançarmos, porém, convém retomarmos alguns pontos da trama que enreda Bertoleza para escurecer o argumento aqui proposto. O romance se passa no período escravocrata, mas quando a luta abolicionista já estava se consolidando. Bem no início vemos o vendeiro português João Romão, de posse das economias de Bertoleza, uma quitandeira cafuza escravizada com quem se amasiara, dizendo-lhe que inteiraria o que faltava para que ela obtivesse a liberdade. O que ele fará, no entanto, é falsificar uma carta de alforria, simulando que ela está liberta, e usar o dinheiro para ir transformando a sua vendinha num cortiço. Diante da prosperidade dos negócios, a mulher passa a ser vista como um fardo por João Romão, que agora precisará se livrar dela para poder casar-se com a filha do vizinho Miranda, um português que recentemente ganhara o título de Barão. A fraude da alforria só será descoberta na página final do livro, quando Bertoleza descobre que o companheiro-carrasco, não sendo capaz de matá-la, denunciou-a a seus antigos escravizadores. Estes

---

<sup>1</sup> Trata-se da Mesa-Redonda: “Cotidiano e fronteiras da escritura”, ocorrida no dia 18/07/2019, no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), na Universidade de Brasília (UNB).

<sup>2</sup> A conversa se deu dia 01/05/2020, no grupo de *WhatsApp* dos apoiadores do seu *podcast* “Infiltrados No Cast”. O *podcast* havia, então, lançado a série “Os maiores racistas da história brasileira”, com um episódio específico sobre Monteiro Lobato. Os colchetes na fala citada são meus.

vieram com a polícia buscá-la e ela, percebendo que não conseguiria fugir, rasga diante de todos eles o próprio ventre com a faca de cozinha que tinha em suas mãos.

Feito esse breve resumo, retorno à minha surpresa diante do apontamento luminoso de Conceição Evaristo, pois só ali me dei conta de que a morte de Bertoleza, que eu tinha aprendido a ler como denúncia do estatuto precário da alforria e, ainda, como crítica ao regime escravocrata, poderia ser entendida também como mais uma das instâncias racistas da obra. Eu disse “também” porque criticar a escravidão (e, mesmo, defender o Abolicionismo) não necessariamente implicava uma posição anti-racista, algo que intelectuais negros cansam de repetir, mas que ainda hoje, para boa parte da sociedade brasileira, incluindo setores de esquerda, parece um contrassenso flagrante. A seguinte passagem de *Menino de engenho* (1932), do paraibano José Lins do Rego, talvez ajude a desfazer essa percepção:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a *rua*, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria dos tempos da escravidão. As suas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos (REGO, 1973, p. 54–55).

Ou, então, essa memória do 13 de maio de 1888 em *Minha vida de menina*, diário que a adolescente Helena Morley escreveu entre 1893 e 1895, em Diamantina (MG), e que seria publicado pela primeira vez em 1942:

Eu ainda me lembro de quando chegou a notícia da Lei de Treze de Maio. Os negros todos largaram o serviço e se juntaram no terreiro, dançando e cantando que estavam livres e não queriam mais trabalhar. Vovó, com raiva da gritaria, chegou à porta ameaçando com a bengala dizendo: “Pisem já de minha casa pra fora, seus tratantes! A liberdade veio não foi pra vocês não, foi pra mim! Saiam já!”. Os negros calaram o bico e foram para a senzala. Daí a pouco veio Joaquim Angola em nome dos outros pedir perdão e dizer que todos queriam ficar. Vovô deixou, e os que não morreram ou casaram estão até hoje na Chácara. Também com a vida que eles levam... (MORLEY, 2016, p. 204).

Joel Rufino dos Santos aponta, em *O que é racismo*, que “nem mesmo a Campanha Abolicionista (1879–1888) encarou o negro como gente” (SANTOS, 1984, p. 52), uma vez que a defesa da Abolição baseava-se, em primeiro lugar, na modernização do país e, em segundo, na compaixão ante o sofrimento dos pobres pretos. E compaixão, sabemos, não é suficiente para fundar uma compreensão do Outro como igual. Ale Santos traz ainda outro aspecto desse debate que não deveríamos esquecer: “A sociedade que aboliu a escravidão iniciou um plano para embranquecer a população e nossa cultura”<sup>3</sup>. Nota-se esse embranquecimento, por exemplo, na obsessão em emplacar heróis brancos como símbolos

<sup>3</sup> Afirmação postada em seu perfil pessoal no *Twitter* (@savagfiction), no dia 15/11/2019. Disponível em: <https://twitter.com/Savagfiction/status/1195348450193412103>. Acesso em: 27 jul. 2020.

mesmo da causa abolicionista, visível na fantasia libertária que se criou em relação à Princesa Isabel ou, mesmo, no fato de o “poeta dos escravizados” ser o abastado Castro Alves (1847–1871) e não Luís Gama (1830–1882), autor da obra *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (publicada em 1859, quando Castro Alves contava 12 anos de idade), na qual se encontram belíssimas provocações à cultura branca letrada de sua época:

Oh Musa de Guiné, cor de azeviche,  
estátua de granito denegrado,  
ante quem o Leão se põe rendido,  
despido do furor de atroz braveza;  
empresta-me o cabaço d'urucungo,  
ensina-me a brandir tua marimba,  
inspira-me a ciência da candimba,  
às vias me conduz d'alta grandeza (GAMA, 1974, p. 23).

O poeta, mais à frente, intitula-se orgulhosamente “Orfeu de carapinha” (GAMA, 1974, p. 24). Em outros poemas, ironiza as expectativas de embranquecimento de muitos mestiços e, inclusive, o racismo que reproduzem como forma de se blindar socialmente. Veja-se:

se mulatos de cor esbranquiçada  
já se julgam de origem refinada  
e, curvos à mania que os domina,  
desprezam a vovó que é preta-mina (GAMA, 1974, p. 30).

E também:

se eu que pretecio<sup>4</sup>,  
d'Angola oriundo,  
alegre, jucundo,  
nos meus vou cortando;  
é que não tolero  
falsários parentes,  
ferrarem-me os dentes,  
por brancos passando (GAMA, 1974, p. 81).

Além disso, Luís Gama ataca os escravizadores – (“Aqui não se ergue altar ou trono d'ouro / ao torpe mercador de carne humana” (GAMA, 1974, p. 143) –, propõe outro padrão de beleza para suas musas – “Meus amores são lindos, cor da noite / recamada de estrelas rutilantes; / são formosa crioula, ou Tétis negra, tem por olhos dous astros cintilantes” (GAMA, 1974, p. 154) – e, por fim, numa bela composição dedicada à sua mãe, a lendária Luísa Mahin, recupera a majestade ancestral da figura negra: “Era mui bela e formosa, / era a mais linda pretinha, / da adusta Líbia rainha, / e no Brasil pobre escrava!” (GAMA, 1974, p. 139).

<sup>4</sup> Segundo a nota que acompanha a edição disponibilizada em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2113](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=2113) (Acesso em: 27 jul. 2020), significa: “relativo a ficar preto ou negro”.

Quão mais simbólico não seria o título de “poeta dos escravizados” concedido a ele, ele próprio “um dos raros intelectuais negros brasileiros do século XIX, o único autodidata e o único, também, a ter vivido a experiência da escravidão” (FERREIRA, 2011, p. 17)? Para além disso, ele teve papel central no abolicionismo paulista. É uma questão que me ocorre quando, de volta a *O cortiço*, me deparo com expressões como “a hedionda carapinha da crioula” (AZEVEDO, 2012, p. 251) no discurso indireto livre de João Romão ou referências ainda mais ultrajantes à mesma:

Não obstante, ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre. Mas João Romão nem dava por ela; só o que ele via e sentia era todo aquele voluptuoso mundo inacessível vir descendo para a terra... (AZEVEDO, 2012, p. 199).

Discutindo essa passagem na “Apresentação” da obra, Paulo Franchetti observa que “aqui, a descrição do estado e dos odores de Bertoleza são sentidos pelo narrador (e pelo leitor), pois a única outra personagem ali presente não tinha consciência deles” (FRANCHETTI, 2012, p. 55). É o narrador quem sente a necessidade de sublinhar esse contraste, continua o crítico, contraste que será feito reforçando “os traços repulsivos de Bertoleza, que são as marcas do seu trabalho, explorado por Romão” (FRANCHETTI, 2012, p. 55). É como se o narrador, escrupuloso na representação da sociedade tal qual a via, não quisesse se furtar a mostrar o que era efetivamente dito e pensado à época, por mais aviltante que fosse, mas, aqui e ali, deixasse escapar que, na verdade, ele concordava com o que expunha por meio de alguns dos seus personagens. E isso sem que, em nenhum momento da narrativa, surja um contraponto a esses discursos racistas capaz de subvertê-los ou, pelo menos, minimizá-los, o que só reforça a hipótese de que o narrador os respalda.

Nesse sentido, é curioso perceber que o personagem mais destacado de *O cortiço* é, em si mesmo, um belo exemplo dessa aparente contradição em torno do abolicionismo racista, pois logo após a morte de Bertoleza chega ao cortiço de João Romão “uma comissão de abolicionistas que vinham, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito” (AZEVEDO, 2012, p. 357). A obra terminará com uma ordem para que o grupo seja conduzido à sala de visitas e, ainda que nesse contexto o recebimento do diploma adquira um verniz de ironia, a brutal animalização com que o narrador dá fim à vida de Bertoleza (“rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue” [AZEVEDO, 2012, p. 357]), animalização que não encontra paralelo na representação do companheiro-carrasco, faz com que não seja possível darmos a esse desfecho um sentido de denúncia da opressão.

Sobretudo em função da forma como o narrador apresenta o último pensamento da personagem a respeito de João Romão: “seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo” (AZEVEDO, 2012, p. 357). A escolha da palavra *amante* revela aqui que, mesmo diante da situação mais perversa, é ainda ao lado do capitalista que o narrador se coloca, como que operando uma tradução do texto para enquadrá-lo sempre num melhor ângulo. Considerando o que acontecerá a seguir, esse posicionamento remete-

nos diretamente a uma outra tradução empreendida pelo narrador, momento em que ele nos concede acesso à interioridade de Bertoleza para “explicar”, por meio do determinismo mais rasteiro e racista, os sentimentos que, apesar do desprezo recebido, ela nutria por João Romão, sugerindo ainda que ela seria capaz de suicidar-se por amor a ele:

Escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara. E, no entanto, adorava o amigo; tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor<sup>5</sup> (AZEVEDO, 2012, p. 305).

O suicídio de Bertoleza era extremamente conveniente para o dono do cortiço, ainda mais diante da polícia e dos antigos escravizadores, com o protagonista podendo posar de inocente e até indignado. A animalização brutal de Bertoleza, somada aos pensamentos racistas prodigalizados pelo texto (que, não obstante afirmar que as raças consideradas inferiores “instintivamente” buscam “apuração” nas tidas por superiores, só revela desastre a partir dessas uniões), sugere que também aos olhos do narrador esse era o melhor desfecho, como se a personagem estivesse sendo punida por ter desejado escapar à condição de subalterna.

Ela, uma cafuza, mestiça de negro com indígena, torna-se um problema em si apenas quando deixa de ser útil à ascensão socioeconômica do companheiro-carrasco: “João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem” (AZEVEDO, 2012, p. 245). O *precisamos* não deixa de ser sintomático da equiparação entre as perspectivas do narrador e do protagonista. O que se observa, aí, é o estabelecimento de uma supremacia branca, simbolizada pelo casamento, em vias de concretizar-se, entre João Romão, “ex-taverneiro e futuro visconde” (AZEVEDO, 2012, p. 352), e Zulmira, a filha do vizinho Miranda, Barão.

As trapaças e a exploração execrável empreendidas pelo capitalista, e mesmo as mortes que ele causara, tudo parece aceitável, aos olhos do narrador, para que o branco pobre passe a ocupar uma posição de poder. A própria trajetória inicial de Jerônimo, outro português, reforça essa ideia, uma vez que ele começa a narrativa na miséria, conseguindo apenas o suficiente para não morrer de fome, daí a partir do trabalho duro vai aos poucos ascendendo, mas entra em declínio ao se apaixonar por Rita Baiana e *abrasileirar-se*:

O português abraçou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém (AZEVEDO, 2012, p. 308).

---

<sup>5</sup> A frase seguinte, à mesma página, vai ainda mais fundo na desumanização, agora com pensamentos que o narrador deseja atribuir à própria personagem: “O que custava àquele homem consentir que ela, uma vez por outra, se chegasse para junto dele? Todo o dono, nos momentos de bom humor, afaga o seu cão...”

A mensagem transmitida, bem ao gosto duma literatura que se pensava ciência, era que a mestiçagem só seria razoável se, primeiro, se desse apenas entre as raças consideradas inferiores e, segundo, servisse para produzir seres úteis à classe dominante branca – esta precisando manter-se sempre pura. Não há propriamente denúncia da exploração e, sim, defesa. O trabalho aparecerá no romance, aliás, como um elemento capaz de transformar a vida do indivíduo branco, mas de manter em posição de eterna subserviência o negro e/ou o indígena. À medida que João Romão ascende socialmente, ele passa, por um lado, a rejeitar Bertoleza (de uma perspectiva, sublinhe-se, exclusivamente afetivo-sexual, posto que seguirá explorando o seu trabalho de forma impiedosa) e, por outro, a almejar uma posição similar à do Barão Miranda: esses dois movimentos originam a sua transformação pessoal e a narrativa, a partir desse ponto, vai deixando de animalizá-lo.

Querer ver ironia nessa nova posição da narrativa para com o capitalista é não entender a mensagem supremacista que ela encapsula. Não, não há ironia, sequer na entrega a João Romão do diploma de sócio benemérito da comissão de abolicionistas. O abolicionismo não só podia ser racista, como deveria sê-lo, eis o que o romance nos diz. E aqui me dou conta de que as palavras de Ale Santos, necessárias para uma melhor compreensão de “Negrinha”, de Monteiro Lobato, servem também à perfeição para *O cortiço*.

MOIRA, A. Notes on the Racist Abolitionism of *O cortiço*, by Aluísio Azevedo. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 201-208, 2020. ISSN 2177-3807.

## Referências

AZEVEDO, A. *O cortiço*. Apresentação de Paulo Franchetti. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

CANDIDO, A. “De cortiço a cortiço”. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, pp.123-152.

FERREIRA, L. Fonseca. *Com a palavra, Luiz Gama: Poemas, artigos, cartas, máximas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

FRANCHETTI, P. “Apresentação”. In: AZEVEDO, A. *O cortiço*. Apresentação de Paulo Franchetti. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. p. 09-60.

GAMA, L. *Trovas burlescas*. São Paulo: Editora Três, 1974.

MORLEY, H. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

REGO, J. L. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SANTOS, J. R. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.

Recebido em: 23 abr. 2020

Aceito em: 25 mai. 2020